

túmulo inacabado do Papa Júlio, tão majestoso que é como um raio de luz no ambiente sombrio da igreja que o abriga. Os dedos dos pés do Profeta estão fincados no monte Sinai, enquanto os raios e trovões do Senhor coriscam e ribombam em torno dêle; Moisés segura as tábuas da Lei, e seus olhos despedem chispas. Reza a lenda que, quando Miguel Ângelo acabou essa estátua, desferiu-lhe uma derradeira martelada, ordenando: «Agora . . . fala!»

Mas enquanto Miguel Ângelo exprimia através da sua arte essas verdades eternas, a época em que vivia estava roída de corrupção e de dissensão religiosa. Metade da Europa havia-se levantado na revolução protestante. A Itália sofria a invasão dos exércitos franceses, alemães e espanhóis e andava dilacerada pela guerra civil. O Papa Clemente, que então ocupava o Vaticano, marchava sobre Florença. Na hora do perigo a cidade dos artistas chamou ao seu seio o maior de seus filhos. Meses a fio, Miguel Ângelo mourejou na fortificação de morros e no assentamento de canhões.

Da sangueira e da profunda calamidade daqueles tempos emergiu a obra mais serena de Miguel Ângelo —os túmulos dos Médicis. Para os visitar (e a romaria de visitantes nunca cessa) vai-se à capela contígua à igreja de San Lorenzo em Florença e entra-se num aposento projetado por Miguel Ângelo, e que acalma a pulsação e descansa o espírito do visitante. Ali, encostados à parede e um

defronte do outro, estão os dois túmulos, um de Lourenço de Médicis, outro de seu irmão Giuliano. Envergando armadura ligeira, com a mão na espada posta de través sobre os joelhos, o jovem Giuliano contempla com insatisfeito desejo os anos que não lhe foi dado viver. Esta figura é vulgarmente chamada «A Vida Ativa»; a outra, «A Vida Contemplativa», representa o absorto Lourenço, com a mão na boca, num gesto misterioso, o capacete a resguardar uns olhos que contemplam de cima a negra perspectiva da morte.

E agora ainda outro papa (com que rapidez êles se sucediam uns aos outros, e a quantos êle sobreviveu!) convocava o artista, já então em idade prolecta, para mais uma tarefa exaustiva. A parede da Capela Sistina, atrás do altar, ainda não fôra pintada. E assim, durante sete anos, o escultor teve de manejar novamente o pincel. Dessa vez foi «O Juízo Final» —aquêl momento solene em que os anjos tocarão a trombeta do julgamento, as sepulturas expelirão os seus mortos, os reis comparecerão nus como seus escravos diante do severo Juiz, os justos serão escolhidos e os condenados serão entregues ao tormento eterno.

Já então Miguel Ângelo estava velho, mais velho ainda do que realmente era, alquebrado pela luta que lhe impunham suas tarefas sobre-humanas. Durante tempo muito breve, desfrutou a amizade profunda de uma nobre dama, Vittoria Colonna, a quem confiou seus pensa-

mentos sombrios e elevados, o que não fizera com ninguém. Quando a morte interrompeu aquela amizade, Miguel Ângelo foi viver como eremita numa obscura casinha de Roma. Seu padrão de vida era o de um homem sem recursos, mas na realidade sustentava seus irmãos e tinha uma fortuna em dinheiro escondida no seu *atelier*. Secretamente êle dava dotes a moças pobres e honestas para que pudessem fazer bons casamentos.

No entanto, já octogenário, Miguel Ângelo iniciou uma nova carreira —a de arquiteto. Não passava de principiante em arquitetura quando foi designado para terminar a igreja de São Pedro que, quase meio século depois de ter sido lançada a pedra fundamental, ainda era um arcabouço sem telhado. Muitos construtores haviam trabalhado nela; a única coisa que todos os projetos tinham em comum era o tamanho, pois aquela devia ser a maior igreja do mundo.

O trabalho demorou tanto que, no intervalo, Miguel Ângelo achou tempo para projetar outros edifícios por toda a cidade de Roma —igrejas, pa-

lácios, ponte, museus. O seu estilo dominou a Cidade Eterna como um pujante hino cujos acordes se cristalizaram na pedra.

Alguns dos projetos feitos por Miguel Ângelo para a igreja de S. Pedro nunca foram executados, mas a grande cúpula de duplo arcabouço é inteiramente do genial artista, e ela cobre de glória a imponente basílica, assim como foi o fecho glorioso da vida do seu autor. Os engenheiros diziam que a emprêsa era impossível, mas, lentamente, pedaço a pedaço, a grande concha de pedra se ergueu, magnífica nas proporções, cada peça ressaíndo em aparente desafio à gravidade, à medida que se avizinhava do centro. No fim, o artista já estava em competição com a morte. «Estou tão velho», dizia, «que a morte já me puxa pelo manto.» Mas antes de morrer, aos 89 anos, Miguel Ângelo Buonarrotti viu concluída a sua obra —a maior e mais bela abóbada do mundo. Cheia de luz, de trovão de órgão e de vozes corais entoando hinos de regozijo, vasto e aéreo clímax de poder, ela se mantém firme e conserva um derradeiro eco daquela alma de titã.

L. R. BOULWARE, vice-presidente da General Electric, encarregado das relações com os empregados, declarou: «É contra os princípios da Companhia deixar seus empregados voltarem para casa sexta-feira à noite, após uma semana de trabalho, tão cansados quanto se apresentam na manhã de segunda-feira, depois dos rigores dos *week-ends* americanos!»

—Citado em *Quote*

Essa alma era grande como a de um profeta antigo, cheia de visões sublimes e de paixão moral; mas a sua personalidade humana revelava-se lamentavelmente falha. Arrogante, cheio de melindres, indelicado no falar, o jovem teve o nariz amassado numa briga com um aprendiz mais velho. A deformidade durou toda a vida e atingiu mais fundo a alma do que o rosto. Aquêles que cultuava a beleza passou a considerar-se repulsivo! De altura meã, com ombros muito desenvolvidos, êle podia não ser um moço bonito, mas o tempo tornaria inesquecível aquêles rosto vincado, aquela bôca áspera e generosa, aquêles olhos castanhos cheios de tristeza e amor quase bíblicos.

Em 1492 Lourenço morreu, e seu filho Piero não pôde pensar em melhor emprêgo para Miguel Ângelo do que fazer, numa manhã de inverno, um enorme boneco de neve. Não tardou, pois, que o jovem artista fugisse da cidade e, finalmente, tomasse o caminho de Roma.

Na Cidade Eterna, Miguel Ângelo produziu a sua primeira obra-prima — uma Madona amparando no regaço o Cristo morto. Tendo ouvido uns visitantes atribuírem a obra a outro artista, o escultor entrou às escondidas na igreja, à noite, e gravou o seu nome na escultura, e essa ficou sendo a única obra de Miguel Ângelo que traz a sua assinatura. Essa obra está agora na Basílica de S. Pedro.

Quando Júlio II subiu ao trono pontifício, planejou grandiosos mo-

numentos e edifícios que muitas vezes tinham a êle próprio como centro. Assim, deu-se pressa em arrasar a vetusta igreja de S. Pedro para ter a glória de colocar a pedra angular de uma nova basílica. Miguel Ângelo estava por êsse tempo em Florença, mas Júlio, imaginando que a história esperava dêle o mais grandioso túmulo já erigido no mundo, fêz vir à sua presença o artista de idéias mais grandiosas.

Foi assim que começou sua amizade com Miguel Ângelo. Essa amizade não estêve isenta de turras. O projeto de Miguel Ângelo para o túmulo agradou plenamente ao Sumo Pontífice. A obra devia compreender nada menos que 40 estátuas de santos e profetas rodeando o ataúde do Papa. E lá se foi o estatuário a Carrara em busca de mármore; mas quando afinal voltou para pedir a Sua Santidade o pagamento das despesas de transporte, Júlio II, na ocasião envolvido numa dispendiosa guerra com Bolonha, mandou que o expulsassem. Miguel Ângelo rabiscou um furioso bilhete ao Papa; depois, amedrontado com a sua temeridade, fugiu para território toscano, fora da jurisdição pontifícia. O Papa exigiu que Florença o extraditasse. Mas os florentinos, mais calmos, persuadiram o artista a avistar-se com Júlio II em Bolonha e para isso conferiram-lhe imunidades de embaixador. O Sumo Pontífice, tendo Bolonha já derrotada, tomou-se de clemência, e Miguel Ângelo, perdoado, acompanhou o Papa de volta a Roma.

Mas houve quem convencesse a Júlio II de que era de mau agouro construir em vida o próprio túmulo. Além disso, o pintor Rafael, no início de uma carreira promissora, e seu parente Bramante, arquiteto da nova igreja de São Pedro, em construção, tinham inveja de Miguel Ângelo. Persuadiram então Júlio a que entregasse ao artista a pintura do teto da capela particular do Papa, chamada Sistina.

—A pintura não é a minha arte, protestou o escultor. Que Rafael o faça.

Mas Júlio insistiu, e durante os quatro anos que se seguiram Miguel Ângelo viveu praticamente como prisioneiro, a princípio do Papa, depois da sua própria febre de inspiração.

Jamais foi imposta a um artista tarefa mais penosa. A Capela Sistina é um lugar escuro e acanhado, mais alto que largo. O espaço do teto é interrompido por trapeiras, dando em resultado curvas e ângulos excêntricos. Tudo isso — e eram 930 m² — tinha de ser coberto de pinturas e a fresco. A técnica da pintura a fresco consiste em moer as tintas com água, não com óleo, e depois aplicá-las sobre gesso úmido. Ao secar o gesso, a côr se fixa perpétuamente na cal. O artista tem de pintar a toda a pressa e com mão firme.

Todos os dias Miguel Ângelo subia pela escada, trepava no andaime e deitava-se de costas para pintar o teto. Escravizado à sua arte criadora muitas vezes êle se esquecia de co-

mer ou de dormir; foi enxotando um auxiliar atrás do outro, trancou a porta a todo o mundo, menos a um criado idoso, e só a abria quando escutava o bater da bengala de Júlio II. O Papa não entendia de arte, mas sabia distinguir a grandeza. E sabia também que a vida é curta.

—Quando, quando ficará pronto? indagava êle impaciente.

Finalmente, um dia, o Sumo Sacerdote declarou:

—Basta, já está pronto. Desça dêsse andaime, senão mando atirá-lo daí.

Cedendo, porque já uma vez *tinha* caído, Miguel Ângelo concordou em deixar entrar o mundo da arte, da elegância e do clero.

Lá em cima, como se o *Gênesis* estivesse gravado no céu, via-se a história da Criação, da Queda do Homem e o Dilúvio! Com um gesto autoritário, Deus divide o firmamento; insufla o pó de um sôpro divino, e eis Adão, feito à Sua imagem, o dedo de Deus ainda no ato de soltar o de Adão, enquanto o primeiro homem contempla com olhos de adoração a face do seu Criador. E Eva, agasalhada sob o braço do Onipotente, lança o olhar de curiosidade e mêdo para o seu senhor e mestre. Profetas e sibilas enchem os difíceis espaços do teto. Há ali 343 grandes figuras, tôdas sublimes; cada uma tem na pintura a pujança da escultura.

A mesma grandiosidade do Antigo Testamento acha-se expressa no «Moisés» de mármore, fragmento do

Por tôda a Roma há ecos
de sua alma de titã



Detalhe da
Capela Sistina

A epopéia de Miguel Ângelo

Por Donald Culross Peattie

O QUE se fazia do outro lado do alto tapume era segredo da cidade de Florença. Durante meses e depois anos, os transeuntes ouviam pancadas de aço sobre pedra, golpes de camartelo no cinzel. Mas, como tôda a gente sabia, aquêlo bloco de mármore tinha sido antes estragado por outro escultor que, num esboço impraticavelmente estreito e delgado, abrira profunda brecha triangular perto da base. Se bem que muitos artistas o tivessem visto, aquêlo bloco mutilado, qual gigante invencível, ficara como patrimônio da cidade durante décadas.

Afinal, na manhã de uma segunda-feira como outra qualquer (dia 13 de setembro de 1501), o jovem Miguel Ângelo Buonarrotti, escopro em punho, atacou a obra. Durante anos êle mourejou. E quando os peritos contemplaram o que êle tinha feito, ar-

bitraram-lhe o prêmio de 400 florins de ouro, e mais o direito de escolher um local para a instalação da obra. Sem acanhamento, Miguel Ângelo escolheu o lugar mais importante de Florença, em frente ao severo paço do Largo dos Nobres.

Quarenta homens labutaram quatro dias com sarilho e roldanas para levar a estátua ao local escolhido. Com olhos firmes, Davi encara ainda o seu adversário Golias. Pois que se trata de Davi, o mata-gigante. Cada defeito do bloco primitivo foi convertido em perfeição. A excessiva altura e delgadeza transformou-se no corpo maciço de um possante atleta; a brecha na base é o espaço entre as vigorosas pernas. Cada nervo e tendão, cada veia nos membros preparados está modelado com delicada precisão, como se na realidade o sangue quente de um jovem lutador cor-

resse ali. «Davi», como tôdas as grandes obras de Miguel Ângelo, é mais do que uma simples estátua; é uma verdade viva, tão viva hoje como há 450 anos, pois ainda há Golias soltos pelo mundo, e mais de um Davi pronto a enfrentá-los, com aquêlo mesmo sobreceño carregado e aquêlo olhar resolutivo.

Michelagnolo di Ludovico Buonarrotti Simoni nasceu no ano de 1475 em Caprese, onde tem sua nascente o Tibre, no centro da Itália. A criança foi entregue à mulher de um britador para amamentar, o que o levou a dizer mais tarde, em tom de gracejo, que «bebera» a profissão com o leite de sua mãe de criação.

Sua mãe verdadeira morreu quando êle contava seis anos de idade, e só depois dos 60 é que Miguel Ângelo viria a conhecer novamente a ternura de uma mulher. O artista foi criado na rude atmosfera masculina, com irmãos egoístas e medíocres que o exploraram a vida tôda, e com um pai sovina e lamuriento. Na escola o menino não andou bem. Estava sempre a desenhar, e desenhava até nas paredes de sua casa. Por isso batiam-lhe, e como êle não se emendasse, batiam-lhe de novo, e mais rudemente, até que a coragem física foi arrancada daquele corpo franzino. Mas a alma do artista permaneceu íntegra.

Ávido por tirar vantagem financeira do menino refratário, o velho Buonarrotti mandou-o, aos 13 anos, para o *atelier* dos famosos irmãos Ghirlandaio, em Florença. Foi aí que

êle recebeu suas únicas lições de pintura. Um dia em que vários aprendizes estudavam o desenho de uma mulher feito por Domenico Ghirlandaio, Miguel Ângelo pegou num lápis mais grosso e corrigiu a figura. E o pior foi que Domenico reconheceu que o menino tão ousado tinha razão. Viu-se então Miguel Ângelo despedido da oficina, aliás com as mais altas recomendações. Dali foi parar no estabelecimento artístico de Bertoldo, escultor que estava fabricando estatuária pseudoclássica para Lourenço de Médicis, o mais rico banqueiro da Europa e ditador não oficial de Florença, chamado «O Magnífico» por sua prodigalidade e gostos suntuosos.

Miguel Ângelo foi contratado para desbastar blocos de mármore nos jardins dos Médicis. Cada dia mais se fortaleciam os ombros do jovem, a vista ia ficando cada vez mais segura, tão segura que, quando Lourenço deu por acaso com uma escultura que o rapaz fizera de um pedaço de mármore refugado, levou-o para o palácio, vestiu-o de veludo e destinou-lhe um lugar à mesa junto com seus filhos. Naquela mansão principesca, freqüentada por poetas e eruditos, as leituras substituíam as palestras. Foi lá que o moço Buonarrotti se familiarizou com as idéias de Platão e com os grandiosos versos de Dante. Mais um talento—o da poesia—despontou nêle; os 77 sonetos que Miguel Ângelo escreveu mais tarde parecem ter brotado da sua alma, dada a sinceridade de que se acham impregnados.